



**XXIX - DOMINGO DO TEMPO COMUM – A – *O que é de César e o que é de***

***Deus***

Mt 22,15-21

Caros irmãos e irmãs,

O evangelho deste domingo nos fala sobre a legitimidade do tributo a pagar a César, que contém a conhecida resposta de Jesus: “Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (Mt 22,21). Com efeito, os interlocutores de Jesus, discípulos dos fariseus e herodianos, fizeram-lhe uma pergunta: “Mestre, sabemos que és verdadeiro e que, de fato, ensinas o caminho de Deus. Não te deixas influenciar pela opinião dos outros, pois não julgas um homem pelas aparências. Dize-nos, pois, o que pensas: É lícito ou não pagar imposto a César?” (v. 16-17).

Esta questão apresentada a Jesus é delicada. Diz respeito à obrigação de pagar os tributos ao imperador de Roma. As províncias romanas pagavam o tributo, quantia estipulada por Roma e que todos os habitantes do Império, com exceção das crianças e dos velhos, deviam pagar. Era considerado um sinal infamante da sujeição a Roma. A Palestina do tempo de Jesus estava sob o domínio do Império Romano. E a moeda que circulava era a moeda romana, na qual havia a imagem do Imperador, onde ele era qualificado não só como “Augusto” e “Pontífice Máximo”, mas também como “deus”: “Divius”. Isso era intolerável para os judeus de consciência reta.

Em outras palavras, a pergunta que colocam para Jesus é, portanto, esta: é lícito pactuar com esse sistema gerador de escravidão e de injustiça? Os partidários de Herodes e os saduceus, a alta aristocracia sacerdotal, estavam perfeitamente de acordo com o tributo, pois aceitavam naturalmente a sujeição a Roma. Os partidários da dinastia de Herodes (cf. Mc 3,6), eram expressamente escolhidos para que fossem transmitir à autoridade romana a declaração hostil a César que, como esperavam, Jesus devia pronunciar. Os movimentos revolucionários, no entanto, estavam frontalmente contra, pois, consideravam o Imperador um usurpador do poder. Os fariseus, embora não aceitando o tributo, tinham uma posição intermédia e não propunham uma solução violenta para a questão.

Mas, Jesus é sincero e ensina o caminho de Deus segundo a verdade, sem se preocupar com ninguém. Ele mesmo é aquele caminho de Deus, que nós somos chamados a percorrer. Se Jesus viesse a pronunciar a favor do pagamento do tributo, seria acusado de colaboracionismo e de defender a usurpação pelos romanos do poder que pertencia a Deus; mas se caso Jesus se pronunciasse contra o pagamento do imposto, seria acusado de revolucionário, inimigo da ordem romana, estaria contra o poder de Roma.

No entanto, Jesus não se deixou amarrar por nenhum dos lados da questão polêmica, fundada em situações políticas, pequenas diante da grandeza do Reino de

Deus. Jesus pediu aos seus interlocutores que lhe mostrassem uma das moedas do imposto. Eles apresentaram a Jesus a moeda de um denário. Justamente onde estava a efigie do Imperador com seus títulos de honra. “De quem é esta imagem e esta inscrição que aqui está?” Perguntou-lhes Jesus. E responderam: “De César”. Por isto, declarou Jesus: “Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (Mt 22,19-21).

Com esta informação, certamente, Jesus quis sugerir que o homem não pode nem deve eximir-se das suas obrigações para com a sociedade em que está integrado. Em qualquer circunstância, ele deve ser um cidadão exemplar e contribuir para o bem comum. A isso, chama-se “dar a César o que é de César”. No entanto, o mais importante é que o homem reconheça a Deus como o seu único Senhor. As moedas romanas têm a imagem de César - que sejam dadas a César.

O homem, no entanto, não tem em si a imagem de César, mas a imagem de Deus. Podemos ler as palavras de Deus no livro do Gênesis: “Façamos o homem à nossa imagem, à nossa semelhança...” (Gn 1,26-27). Portanto, o homem pertence somente a Deus, deve entregar-se a Ele e reconhecê-lo como o seu único Senhor. Jesus vai muito além da questão que lhe puseram. Na abordagem de Jesus, a questão deixa de ser uma simples discussão acerca do pagamento ou do não pagamento de um imposto, para se tornar um apelo a que o homem reconheça Deus como o seu Senhor e realize a sua vocação essencial de entrega a Deus, uma vez que ele foi criado por Deus, pertence a Deus e transporta consigo a imagem do seu Senhor e seu Criador.

Para o cristão, Deus é a referência fundamental e está sempre em primeiro lugar; mas isso não significa que o cristão viva à margem do mundo e fique ausente das suas responsabilidades na construção do mundo. O cristão deve ser um cidadão exemplar, que cumpre com a sociedade os seus deveres e colabora ativamente na construção da sociedade humana. Ele respeita as leis e cumpre pontualmente as suas obrigações tributárias, com coerência e lealdade. Não foge aos impostos, não aceita esquemas de corrupção, não infringe as regras legalmente definidas. Vive de olhos postos em Deus; mas não deixa de lutar por um mundo melhor. São Paulo irá lembrar sobre os deveres dos cristãos perante os poderes públicos e irá dizer explicitamente: “Pague-se o imposto a quem se deve o imposto” (Rm 13,7).

A primeira leitura, tirada do Livro de Isaías, diz-nos que Deus é um só, é único; não existem outros deuses fora do Senhor (cf. Is 45,1.4-6). Isso nos apresenta o sentido teológico da história: o suceder-se das grandes potências encontram-se sob o domínio supremo de Deus; nenhum poder terreno pode colocar-se no seu lugar. O homem nunca pode deixar Deus de lado. Deus nos criou à sua imagem e semelhança. Trazemos a marca de Deus. Por isto cada homem é chamado a uma relação pessoal com o nosso Criador.

Também a segunda leitura retirada da primeira carta de São Paulo aos Tessalonicenses (cf. 1Ts 1,1-5), lembra-nos, antes de tudo, que sempre somos chamados a dar Graças a Deus. E o próprio anúncio de evangelização deve ser precedido, acompanhado e seguido pela oração. Com efeito, escreve o apóstolo: “Damos graças a Deus por todos vós, lembrando-nos sem cessar de vós nas nossas orações” (v. 2).

Neste sentido, o “dar a Deus o que é de Deus”, significa abrir-se à sua vontade e dedicar a ele toda a nossa vida, cooperando para o seu Reino de misericórdia, amor e paz. Devemos também ter consciência de que só Deus é o Senhor do homem, e não há outro. A criatura não pode pertencer a mais ninguém, mas somente a Deus, o seu Criador. Isto também sinaliza que devemos respeitar cada criatura, pois a imagem de Deus está impressa no rosto de cada pessoa. É preciso redescobrir esta novidade perene a cada dia.

Os santos souberam “dar a Deus o que é de Deus”, dedicando toda a sua vida ao Senhor, a quem devemos amar sobre todas as coisas. E, sobretudo, a Virgem Maria, Senhora da escuta fiel e modelo de santidade, fez isto de uma maneira admirável. Peçamos a sua intercessão para que saibamos também nós dar a Deus o que é de Deus. E ela, que não teve medo de fazer a vontade do Senhor ao longo de toda a sua existência, nos ajude a acolher na fé os ensinamentos do seu Divino Filho e nos faça colocá-los em prática cotidianamente. Assim seja.

*D. Anselmo Chagas de Paiva, OSB*  
Mosteiro de São Bento/RJ